

Governo faz projeções para 85

Brasília — As autoridades econômicas brasileiras apresentaram um documento aos bancos credores e aos técnicos do FMI estimando em 25,5% o aumento das importações em 85 e em 7,9% o crescimento das exportações.

Estes dados mostram a intenção do Governo de patrocinar o reaquecimento da economia, já que nos últimos anos as importações estiveram contidas e só as exportações eram estimuladas. As compras externas, excetuados os gastos com petróleo, estão estimadas em 9 bilhões 165 milhões de dólares — este ano ficaram em 7 bilhões 300 milhões de dólares — e as exportações previstas devem chegar a 28 bilhões 490 milhões de dólares — contra 26 bilhões 400 milhões de dólares em 84.

Ao se examinar as perspectivas do balanço de pagamentos para 1985, verifica-se que a dívida externa atingirá 101 bilhões de dólares, sendo 91 bilhões de débitos registrados e 10 bilhões de dívida a curto prazo, envolvendo operações comerciais. Quanto à recomposição das reservas externas, segundo as projeções do Banco Central, há perspectiva de atingirem 8 bilhões de dólares no final de 1985.

O balanço da conta de serviços será deficitário devido ao pagamento de 12 bilhões e 400 milhões de dólares de juros e de 3 bilhões e 200 milhões de dólares por outros serviços. O déficit do balanço de pagamentos em conta corrente será de 2 bilhões 960 milhões de dólares.

As importações de petróleo vão apresentar uma redução de 2,5% pois o Governo

espera importar no próximo ano 6 bilhões 435 milhões, valores inferiores aos 6 bilhões e 600 milhões de dólares previstos para este ano. Segundo fontes do Ministério das Minas e Energia, a queda nas importações de petróleo é decorrente do aumento da produção doméstica como da manutenção dos atuais níveis de consumo.

Quanto às exportações, espera-se um crescimento de 28% nas vendas de minérios no mercado externo. Os produtos industrializados, por sua vez, sofrerão as consequências de uma menor expansão da economia mundial e, em particular, do arrefecimento do mercado norte-americano, bem como do fim do crédito-prêmio, resultando em crescimento próximo a 10%.